



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. De 11 a 19 de março de 2024.
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

Música no Museu: Histórias e Sonoridades Locais

Israel da Silva Araújo¹, Jadson Oliveira Silva²

israelcuite@gmail.com; jadson_oliveira_silva@yahoo.com.br

Resumo: O projeto realizado se deu no formato de evento presencial, a partir de uma dinâmica que conduziu o público a um espaço de sonoridades (material e imaterial); houve a montagem para observação da exposição de obras de músicos das antigas (Discos/LPs, fitas e Cds), bem como, a apresentação do músico cuitense Jadson Oliveira, componente da banda do exército sediada em João Pessoa-PB, que direcionou os participantes para uma viagem no tempo, por obras de grandes clássicos brasileiros. Realizou-se também um dos momentos mais importantes e emocionantes da ação, uma interação com o público/músicos participantes, os quais, muitos deles, levaram seu instrumento e não exitaram em tocar. Além de demonstrarem seus talentos, contaram suas histórias, compartilharam as suas memórias de tempos passados. Ali foram traçadas e percorridas trilhas sonoras/históricas às quais foi possível conhecer a Cuité(PB) de hoje, a partir de uma memória sonora de ontem.

Palavras-chaves: Música, museu, diálogos e memória.

1. Introdução

Trata-se da descrição de um projeto de curta duração, no formato de evento, cujo repasse escrito traz dificuldades pela intensidade da experiência vivenciada, uma vez que a ação experimentada foi repleta de intensidade (visível e audível). A ação se deu em três etapas: a) observação da uma exposição, formada a partir de materiais do museu, b) audição das peças trazidas pelo músico convidado/colaborador e c) quando das apresentações musicais de diversos artistas que receberam e aceitaram o convite de participar e compartilhar suas memórias e experiências sonoras de outrora. O museu pode fazer do seu ambiente, gerido pela universidade, um lugar vivo e vivenciado pela comunidade.

2. Metodologia

O projeto como se trata de um evento, foram desenvolvidas duas etapas principais: pré-produção e produção. Na pré-produção a equipe, coordenador, músico convidado e equipe do museu reuniu as informações (história da música geral e do Brasil, revisou os textos sobre história da cidade e preparou o espaço com o material para exposição e ainda fez a divulgou o evento.

Na etapa da produção houve a realização da ação junto ao público alvo (escolas e comunidade em geral). Conforme cronograma de trabalho, se deu no período da noite, no salão principal do Museu do Homem do Curimataú, na semana em comemoração à música (última semana do mês de novembro), no caso dia 24/11/2023. Houveram três partes em sua execução, a primeira foi voltada principalmente para os alunos da Escola Orlando Venâncio dos Santos, ali foi exposto física e oralmente um acervo preparado pela coordenação do projeto e os colaboradores do Museu. Na exposição foram apresentados equipamentos e materiais que simbolizavam as primeiras gravações em discos no Brasil, ou seja em vitrolas e LP/discos de cera e em vinil, utilizados para ouvir música nas primeiras décadas do século XX.



Imagem 1- Exposição da noite do evento

A mediação dessa parte se deu pelo agente cultural e recepcionista do museu, o senhor André Santos, que chegou a apresentar a indicação de alguns músicos cuitenses que conseguiram gravar suas obras décadas atrás: Neira, Tim Tim, Geraldo Rodrigues, Nivaldo Soares, Grupo Família, etc.

Interessante a questão levantada por ele e refletida pela plateia: sobre as dificuldades de um da época em produzir o seu material, pois tratava-se de tecnologia de difícil acesso, em contraposição a de hoje, que grava-se com boa qualidade razoável em equipamentos de razoável acesso. Interessante, vimos, que mesmo com poucas condições esses cuitenses conseguiam gravar seus trabalhos nos discos e no tempo. Suas melodias podem ser tocadas e cantadas até hoje, claro, muitas delas encontradas ali no Museu do Homem do Curimataú.

¹ Israel da Silva Araújo, coordenador do projeto, Assistente em Administração, UFCG, Campus Cuité-, PB. Brasil

² Jadson Oliveira Silva, extensõesita, Músico do Exército, Brasil.



Imagem 2- plateia de alunos do evento

Na segunda parte o músico convidado, o senhor Jadson Oliveira, nos lembra que após as “poucas” e os “chorões”, que eram base da música das primeiras décadas da história da música brasileira, um cantor e instrumentista chave, chega e começa conseguir espaço e lançar seu som, falava do grande artista Luiz Gonzaga. Jadson, neste momento, tocou solos de trombone com músicas gonzagueanas e fez alunos e demais convidados sentirem calorosamente algumas das mais belas peças do forró brasileiro.



Imagem 3 - Apresentação individual de Jadson Oliveira

O colaborador, o senhor Jadson, afirmou, ainda, que o som nordestino, passeou por diversas casas noturnas sulistas, quebrando paradigmas e criando novas sonoridades nacionais, que atingia (sensivelmente) para além do homem nordestino. Nos termos certeureanos³, penso, seria uma sonoridade ordinária adentrando em lugares mais fortes e poderosos, ou seja, revoluções cotidianas que se sobressaíram e historicamente conhecemos sua força, a qual permanece representando e/ou sendo utilizadas por discursos diversos para usos e abusos reais e utilitários até hoje.

³ Nos termos de Michel de Certeau (2004) que estuda e investigava o cotidiano e suas revoluções diárias



Imagem 4 - Apresentação individual de Jadson Oliveira

Sua apresentação passou também pelo movimento da Bossa Nova e outros ritmos brasileiros criando uma linha do tempo didática e uma paisagem sonora temporal de importante compreensão e beleza artística. Os solos de trombone abriram um túnel do tempo que despertou os outros músicos participantes a começarem a tirar do estojo seus instrumentos e iniciarem a terceira parte do evento.

Após mais de uma hora de eventos, os alunos por questão de horário de aula, tiveram que voltar para sua escola, mas ainda assim o encontro continuou, permaneceram no ambiente, diversos músicos professores, vereadores, comerciantes e outros sujeitos que tiveram experiências sonoras décadas passadas e puderam contribuir para o grandioso momento da terceira parte do encontro.

Um das tantas falas importantes deste momento foi do Senhor Hélio Plácido de Almeida, que relatou suas atividades quando estava na organização de blocos de carnavais em Cuité, que junto com sua esposa, que também estava presente, falou sobre os músicos, as práticas e espaços usados quando da década de 1970 e 1980, nestes carnavais que, coincidentemente eram vivenciados naquele mesmo ambiente do museu, na época ainda o clube da cidade⁴.



Imagem 6 - Relato do Sr. Hélio Plácido

⁴ O Museu é um imóvel tombado, doado na década de 2000 pelos sócios do antigo Cuité Clube, agora, pertencente agora a UFCG.



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. De 11 a 19 de março de 2024.
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

Nessa hora, os músicos, inclusive o coordenador do projeto, se juntaram e começaram a tocar marchinhas e frevos carnavalescos, que fizeram o senhor Hélio e demais pessoas da plateia se emocionarem, um momento que trouxe à tona o poder da linguagem forte da música, seja na sua expressão de explosão energética, ou como neste caso, de sensibilização histórica emocional.



Imagem 5 - Apresentação coletiva no evento

Desse momento em diante, a senhora Cleane Maravilha (à direita na imagem acima) e outros músicos, começaram a compartilhar também suas experiências. Ela lembrou de suas tocatas⁵ na Banda Filarmônica, quanto, na sua opinião, a banda era mais valorizada e importante para a cidade, informou que tocava na festa da padroeira, inaugurações e que a orquestra que se formava da banda filarmônica era que tocava os carnavais.



Imagem 5 - Apresentação individual Cleane Maravilha

E assim caminhou o evento, cada músico que passava, (mais de dez músicos participaram do encontro) descrevia sua emoção ali disposta por meio das notas tocadas. Contribuíram também com o momento os músicos Dorival Miranda (trombone), Clécio Dantas (sanfona), Leandro Sousa (saxofone) Aurélio (baixo), Ué (percussão) Duda (voz), Orlando (Vilão), Donda (bateria), Israel Araújo (trompete), ente outros, os quais

tiveram a oportunidade de contar suas histórias, bem como, exprimir suas impressões sobre a antiga e atual situação da música e do músico cuitense.

Muitos se referiram aos seus mestres e como fazem para se manter motivados hoje nesse mundo artístico e alguns até repassando o prazer de terem repassado sua arte para os mais novos, como é o caso do senhor Aurélio (abaixo no centro da imagem, de camisa vermelha), que possui dois filhos músicos profissionais em bandas de forró pela Paraíba. (Marquinho e Marciel), baixista e baterista respectivamente.



Imagem 6 - outras apresentações coletivas no evento

Interessante lembrar que o coordenador do projeto/evento é também músico e diretor do Museu do Homem do Curimataú, cuja seleção no edital FUNARTE/UFCEG, proporcionou essa noite especial que vincula música e memória, ou seja, música no museu, para a comunidade geral da cidade de Cuité-PB, O coordenador também fez parte dos diálogos, reforçando os espaços de lazer da cidade de Cuité, registrados no seu trabalhos de mestrado intitulado (re)compondo os espaços de lazer: memórias, tramas e resistências de músicos cuitenses (Cuité-PB, entre 1960-1980) e reforçou a necessidade de preservar a memória e as histórias das pessoas, de todos os sujeitos e por isso, observar também outras histórias, não só daqueles de posses (ricos) que frequentavam o clube, mas garçom, o vigilante, e claro, os músicos das festas, e ,claro, não esquecer de registrar os demais espaços sonoros do município, seja na zona urbana ou rural (forró na feira, nos bares, na casa de taipa na zona rural, nas barracas do são João), enfim para além da Festa de Padroeira e do Cuité Clube reforça que vários foram e são os espaços e sujeitos do lazer cuitense.

⁵ Momento de apresentação musical diverso



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. De 11 a 19 de março de 2024.
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.



Imagem 8- fala do coordenador

Sobre o ambiente do evento, é bom registrar que é um lugar de várias faces do qual disponibiliza objetos, vestuário, imagens, das quais retratam, costumes, paisagens e sujeitos, bem como, é claro, não poderia faltar, em muitos deles, vestígios das sonoridades no tempo. O Museu do Homem do Curimataú (MHC), é um ambiente pertencente ao Centro de Educação e Saúde da UFCG, que tem realizado diversos momentos de exposição e eventos. Criado em 2010, possibilitou a vários alunos e visitantes, o “contato” com esse passado vivido pelos moradores da cidade de Cuité e região, e ratificamos por ser o imóvel da década de 1950, tem um grande rol de memórias a ele vinculado.



Imagem 9 - Museu do Homem do Curimataú

O MHC, como é conhecido, além disso, é utilizado hoje como repositório de vários materiais que produzem memórias, seja nas visitas, individuais, coletivas ou em momentos como o projeto café com memória e despertam a valorização das histórias locais. E, claro, o evento Música no Museu, que despertou o pensar e lembrar da história musical vivenciada em tempos passados, no cotidiano da cidade e toda sua extensa zona rural. O museu é um grande suporte para a divulgação, desenvolvimento educacional e turístico local. Por compartilhar a direção do museu e a coordenação do projeto, a organização do evento se deu de forma satisfatória e obteve a participação da comunidade como podemos observar neste trabalho.

3. Resultados e Discussões

No evento foi visto que além da história ensinada na escola: do períodos clássicos da história e, principalmente, dos eventos de grande dimensão nacional e internacional, que há uma grandiosa vertente ainda pouca explorada de história(s) local(is), viva na memória e escrita em documentos não formais (os artefatos musicais fazem parte deles) que quando melhor observados, tem um grande potencial cultural.

Vimos que sanfoneiros como o senhor Tim Tim, Neira, Agostinho Ribeiro e outros cuitenses, foram significativos para o entretenimento e até mesmo a motivação de diversos sanfoneiros de hoje, por seus talentos e força de vontade; que a banda filarmônica, foi por muito tempo a única opção de lazer sonora para muitos eventos coletivos da cidade: festa da padroeira, inaugurações e carnaval.

Também registra-se o retorno do músico cuitense Jadson Oliveira, exemplo de dedicação musical que pode ser observado pelos alunos como indicação que a música e/ou qualquer arte possibilita ao seu artista caminhos de futuro. (Jadson tocou na mesma filarmônica cuitense, semelhante a maioria dos músicos ali presentes e sua dedicação o fez, viver da música e trazer de volta a sua cidade “peças sonoras” na sua bagagem. Por fim, foi visto a importante ação da valorizar as história e dar a oportunidade de serem contadas, foi aberto o microfone e do senhor Hélio professor e organizador do Carnaval e a o senhora Cleane, por exemplo, de contarem suas experiências e aqueles que quiseram tocaram para si e para os outros, na noite que não teve a mesma sonoridade da anterior, pelo menos ali no museus, a paisagem sonora foi transformada e captada pela plateia.

4. Conclusões

É necessário, pensar o micro, a história do bairro, da própria escola história das coisas que vemos e/ou vimos, e claro, história daquilo que foi ouvido, cantado, dançado... O mundo do trabalho é focado em “tempo é dinheiro” e a disponibilização de tempo para pesquisar o lazer nem sempre é colocado em prática. Mas a montagem, exposição e vivência como a descrita neste trabalho, demonstra retorno dos investimento financeiros na cultura, na extensão, incentivar a comunidade a perceber sua história local, certamente além da música, diversas temáticas podem ser apresentadas e chegar às escolas e aos visitantes a universidade e, neste caso, o museu pode, e deve ampliar ainda mais suas conexões com a comunidade pois, é de sua base de existência ser parte, protetora e incentivadora da preservação histórica.

Por se tratar de um pequeno município, a utilização dos diálogos, relatos e registros da memória individual e coletiva é uma grande ferramenta histórica



XVII Encontro de Extensão Universitária da Universidade Federal de Campina Grande.
Extensão Universitária, Arte e Cultura: desafios e caminhos possíveis para indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão. De 11 a 19 de março de 2024.
Campina Grande, Patos, Sousa, Pombal, Cuité, Sumé e Cajazeiras, PB – Brasil.

que se pode utilizar para encontrar fatos não descritos em outras fontes (Halbwachs, 2003). Isso, porque essa localidade de pequeno porte, não dispunha de grandes canais de comunicação como rádio, jornais e livros sobre si, a memória é uma das possibilidades viáveis para pesquisa histórica

O estímulo a ações como essas demonstra ainda mais a responsabilidade que tem o MHC, como equipamento educativo local e como é possível sensibilizar a comunidade com muito mais intensidade, quando a instituição e seus mecanismos funcionam em conjunto, no caso, o apoio da Pró Reitoria de Extensão, partir da coordenação cultural, articulando os recursos da FUNARTE/MINC, foi imprescindível para a boa prática extensiva aqui descrita, pontes que precisam se multiplicar, pois outros temas, outras pessoas, outros momentos podem fazer do museu um espaço ainda mais amplo de discussão e experimentação cultural.

Em resumo, extensão é diálogo construtivo entre universidade e comunidade, e no nosso caso, fazer perceber, além de outras coisas, que o patrimônio cultural imaterial é uma das partes sociais que as pessoas possuem para se conhecer, se perceber enquanto detentores de bens e costumes importantes para seu grupo, de se manter pontos de apoio identitários (MONTENEGRO, 2003). Enfim, gratificante observar que o museu é um lugar fixo de registros históricos determinados, porém mais que isso, é um espaço amplo de diversas vertentes de assuntos preservados e ainda a serem descobertos, cada um que participou do projeto/evento viu e sentiu o fogo que faz reviver as lembranças locais e reforçar essa identidade e a necessidade da preservação do seu patrimônio material e imaterial. Através de políticas públicas de fomento, vimos que é possível colaborar com a pavimentação dos caminhos para o fortalecimento da comunidade ao redor e dentro da nossa Universidade.

5. Referências

- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010..
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Trad. Enid Abreu Dobránszky – Campinas: Papyrus, 1995. – Coleção Travessia do século.
- _____. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisada*. 5º ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- NAPOLITANO, Marcos. *História & Música: História cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Agradecimentos

À todos que participaram do evento, alunos, músicos, professores, colaboradores em geral; ao senhor Jadson Oliveira pela apresentação e ajuda; à equipe do Museu do Homem do Curimataú pelo apoio da montagem da exposição e durante a ação; à direção do Centro de Educação de Saúde pelo suporte as atividades desenvolvidas na montagem da sonorização, gravação e fotografia no evento; à Pro Reitoria de Extensão pela articulação e divulgação do edital PROPEX 06/2023 - FUNARTE/UFCEG; à Coordenação de Cultura da PROPEX pela e apoio logístico para execução da bolsa de extensão universitária, base e suporte para a realização deste projeto.